

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

PSICOLOGIA CLÍNICA E DA SAÚDE

Perceção dos fatores desencadeadores de separação conjugal

Patrícia Alexandra Peixoto Botelho

M

2018



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**PERCEÇÃO DOS FATORES DESENCADEADORES DE SEPARAÇÃO
CONJUGAL**

Patrícia Alexandra Peixoto Botelho

Novembro 2018

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia,
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade
do Porto, orientada pelas Professoras Doutoradas **Maria Emília Costa e**
Mariana Martins (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Resumo

O presente estudo teve como objetivo perceber qual a percepção dos participantes relativamente aos fatores desencadeadores de divórcio, em casamentos ou coabitação de curta duração (≤ 5 anos). A amostra é constituída por 15 mulheres, cuja idade aquando do casamento ou coabitação variou entre os 22 e os 28 anos. A investigação foi qualitativa e os dados foram recolhidos através de entrevistas semiestruturadas, sendo que para a análise dos mesmos utilizou-se o programa NVIVO. Todos os participantes assinaram o respetivo consentimento informado. De acordo com o discurso dos entrevistados, os fatores desencadeadores de divórcio foram as características da personalidade, as interferências familiares, os problemas financeiros, a infidelidade, as expetativas pré-conjugais, a violência e o abuso de substâncias.

Palavras-chaves: Relações de intimidade. Coabitação. Divórcio. Separação. Fatores desencadeadores.

Abstract

The objective of the present study was to understand the participants' perceptions regarding the factors triggering divorce in marriages or short-lived cohabitation (≤ 5 years). The sample consisted of 15 women, whose age at marriage or cohabitation varied from 22 to 28 years. The research was qualitative and the data were collected through semi-structured interviews, and analysed using the NVIVO program. All participants signed their informed consent. According to the respondents, the divorce triggers were personality traits, family interferences, financial problems, betrayal, premarital expectations, domestic violence and substance abuse.

Keywords: Intimacy relationships. Cohabitation. Divorce. Separation. Triggers. Rituals.

Índice

Introdução	7
Casamento e divórcio.....	7
Possíveis fatores desencadeadores do divórcio	8
Transição para o casamento numa perspectiva sistémica	11
Estudo Empírico	13
1. Metodologia	13
1.1. Participantes.....	13
1.2. Instrumentos.....	13
1.1. Procedimentos.....	14
2. Resultados e Discussão	14
3. Conclusão	19
Referência Bibliográficas	21

Introdução

Casamento e divórcio*:

O amor e as relações a dois são elementos fundamentais na vida de um indivíduo e, segundo Wright, Simmons e Campbell (2007), estes criam laços e vínculos que levam à vontade de criar uma vida em comum (Carvalho, 2013).

Segundo Torppa (2009), o casamento é considerado um importante e fundamental objetivo de vida, mesmo até aos dias de hoje (Carvalho, 2013). No entanto, e de acordo com Fonseca (2011), o casamento não tem vindo a assumir o mesmo papel ao longo do tempo, uma vez que a sociedade está sempre em constante evolução (Gomes, 2011 cit in Carvalho, 2013). Antigamente, o casamento validava uma vida de casal com filhos (Carter & Duncan 2017). Noutros tempos, casar era nada mais do que um contrato em que o amor, prazer e felicidade não estavam sequer incluídos (Carvalho, 2013). A partir dos anos 60, devido a mudanças sociais e culturais, que permitiram que o casamento pudesse ser realizado noutras instituições que não as igrejas, muitos dos casamentos passaram a ser apenas compromissos legais, uma vez que aos poucos se foram dissociando da religião (Carter & Duncan, 2017). Com isto, o casamento passa a sofrer grandes alterações e deixa de ser visto como um meio para atingir a vida adulta, passando a ser uma escolha de vida livre de cada um (Carter & Duncan, 2017). Hoje em dia, a união conjugal é o culminar de uma relação onde ambos experienciam a realização emocional, o desejo de construção de uma identidade de casal, assim como a respeito pelas necessidades e bem-estar um do outro (Wilcox & Nock, 2007 cit in Carvalho, 2013).

Tornando-se o casamento numa relação mais afetiva, o divórcio quando surge é uma fase de luto que, segundo Henning e Oldham (1977), é definida como uma crise no casamento no qual uma família se decompõe e duas pessoas casadas põem fim à sua relação (Trindade, 2014). O divórcio é um fenómeno social sobre o qual nos anos 50 a 70, nas zonas ocidentais e nos países ditos desenvolvidos, nem sequer se falava. Segundo Brown (2009), as pessoas não pensavam em divorciar-se, uma vez que existia um estigma ligado à rutura conjugal e às consequências que daí surgiriam. Porém, a partir de 1975, houve uma viragem nessa mesma opinião e o divórcio deixou de ser progressivamente um

* Será utilizado o termo divórcio mesmo quando se faz referência a separação.

assunto tabu e começou a ser encarado pela sociedade de uma forma mais positiva (Trindade, 2014).

Em Portugal, o divórcio passou a ter mais destaque a partir da década de 70, pois a partir daí os casamentos obtiveram o direito ao divórcio civil e, segundo o INE (2012), a partir de 1975 foi notório o aumento da percentagem de divórcios em Portugal (Trindade, 2014). Desde meados da década de 70, a percentagem de casamentos tem diminuído e as uniões de facto têm vindo a aumentar bastante (Amaro, 2004; INE, 2011 cit in Carvalho, 2013). Desta forma, considera-se que a união de facto é uma opção cada vez mais visível (Leite, 2003 cit in Carvalho, 2013). Como referido anteriormente, podemos constatar que a sociedade mudou, a cultura mudou e os objetivos de vida também mudaram.

Possíveis fatores desencadeadores do divórcio

Já em 2003, o aumento do número de divórcios, levou a um maior interesse por parte dos investigadores sobre esta temática (Pasquali & Moura, 2003). Perante o cenário cultural em que vivemos, onde se verifica o crescente aumento de número de casos de dissolução conjugal e relações instáveis e de curta duração, parece crucial compreender os fatores que estão na base deste fenómeno (Silva Neto et al., 2009 cit in Zordan, 2010). A percentagem de divórcios que se verifica, levou a que os investigadores considerem este fenómeno como uma crise normativa (Ríos Gonzáles, 2005 cit in Zordan, 2010).

Segundo Féres-Carneiro e Neto (2010) os casais podem enfrentar vários desafios. Estes desafios são, por exemplo, a partilha de uma vivência em conjunto, a gestão doméstica e familiar, a construção de projetos e tomadas de decisão, de forma a contribuir para o bem-estar conjugal (Féres-Carneiro, 1998). No entanto, caso os elementos do casal não consigam ultrapassar estes desafios, a dissolução conjugal pode ocorrer (Matos, 2016). Desta forma, este é um processo extremamente doloroso, sendo uma das principais preocupações na prática clínica (Féres-Carneiro 1998, 2003). Por ser uma interrupção no ciclo de vida não esperada, leva a profundas alterações na vida dos indivíduos (Zordan, 2010). O divórcio trás consequências para ambos os conjuges, fruto da alteração das circunstâncias de vida após a rutura. As dificuldades económicas e a perda de apoio social, principalmente de amigos em comum, revelam-se significativas. Ainda, o divórcio parece ter maior impacto em casais com filhos, devido a dificuldades ao nível da parentalidade, dificuldades económicas e a necessidade de manter o contato com o ex-conjuge. O divórcio é um período de transição que envolve sentimentos de instabilidade e solidão e, de

acordo com Dupre e Meadows (2007), está frequentemente relacionado com problemas de saúde (Ambert, 2005).

De acordo com a revisão da literatura sobre este tema, é possível referir alguns dos possíveis fatores desencadeadores do divórcio.

Os fatores sociais e económicos são um deles. Já no início do século XX, a taxa do número de divórcios se mostrava elevada e os investigadores acreditavam que as condições sociais e económicas estavam diretamente relacionadas com este fenómeno. Os homens saíram de casa em busca de trabalho em fábricas, levando as respetivas famílias, que se deslocavam para viver nas cidades. Desta forma, a industrialização, a urbanização e o sufrágio foram uma causa para o aumento da percentagem do número de divórcios. Neste novo contexto, havia a necessidade de que as famílias se ajustassem aos novos estilos de vida, que levaram à alteração dos papéis na família (Clarke-Stewart & Brentano, 2006; Chaves, 2010). No que diz respeito aos fatores económicos, no caso da mulher, quanto maior o seu poder económico, maior a capacidade de se sustentar e sustentar os filhos e, por isso, mais fácil é a rutura conjugal (Lehrer, 2008).

Como foi referido anteriormente, a forma como se vê o divórcio foi sofrendo alterações ao longo dos tempos. Segundo Papalia, Olds, e Feldman (2006), hoje, é socialmente aceite que as pessoas tenham outras escolhas de vida, tais como, ficar solteiras, ter um companheiro do mesmo sexo, divorciar-se e não ter filhos. É neste contexto que a rutura conjugal está cada vez mais presente (Zordan, 2010). Há, também, uma maior aceitação relativamente a este fenómeno, uma vez que o estigma a ele associado foi diminuindo (Clarke-Stewart & Brentano, 2006; Zordan, 2010).

Outro possível fator desencadeador do divórcio prende-se com as expectativas pré-conjugais. Para Larson (1988) e Holman (1994) as expectativas que os indivíduos têm sobre o casamento estão relacionadas com a futura satisfação ou não relativamente à vida conjugal. Em muitos dos casos, os indivíduos criam a ideia de que o casamento é perfeito e ficam desiludidos com a realidade. Essa ilusória visão do casamento, demonstra que muitos indivíduos vão pouco preparados para aquilo que será a vida pós-matrimonial (Ariplakal & George 2015).

A família de origem é outro possível fator. A disfuncionalidade das famílias, leva a que a confiança e a capacidade dos indivíduos se relacionarem sejam limitadas (Clarke-Stewart & Brentano, 2006), tendo menos oportunidades para adquirir competências necessárias para o sucesso de uma relação. Podem, ainda, ver o casamento como uma fuga

ao ambiente familiar e tendem a começar as relações muito jovens e com pouca maturidade (McLanahan and Bumpass 1988; Bumpass et al. 1991; Amato 1996 cit in Lehrer, 2008).

Segundo White (1990), outro dos possíveis fatores que se apresenta como causa do risco de divórcio é a idade no casamento, uma vez que os relatos indicam que casais que contraem o matrimónio mais jovens têm mais problemas conjugais do que aqueles que casam mais tarde. A ausência de maturidade e de emprego estável, assim como a idealização deturpada acerca dos companheiros, podem explicar esta realidade (Matos, 2016). Outra possível explicação prende-se com o facto de verem no casamento uma fuga à família de origem ou a possibilidade de construção de uma família como sempre desejaram (Zordan, 2010).

O abuso de substâncias também é uma das possíveis causas de divórcio. Por exemplo, o alcoolismo, comportamento de risco mais descrito na literatura, pode conduzir a problemas de saúde, ao desemprego e a episódios de violência (Collins, Ellickson & Klein, 2007).

Os problemas psicológicos são também responsáveis pelo aumento do número de divórcios, nomeadamente, perturbação da personalidade, perturbação depressiva e perturbação da ansiedade (Clarke-Stewart & Brentano, 2006).

Por fim, a infidelidade conjugal é outro possível fator desencadeador de um processo de divórcio (Féres-Carneiro, 2003).

Goldenberg (2001), refere que o constante descontentamento é uma característica inerente ao ser humano e, por isso, segunda a autora, nunca haverá uma relação conjugal perfeita para ambos os membros do casal.

Como foi referido anteriormente, são vários os motivos que levam ao processo de divórcio, no entanto, importa realçar que o bem-estar e o individualismo são extremamente importantes na manutenção do casamento (Ávila, De Ávila & De Paula, 2017). Sendo que, a menor duração, a menor tolerância aos conflitos, a menor paciência e maior impulsividade, parecem caracterizar as relações conjugais e a autonomia, independência e liberdade passaram a assumir um papel central na vida dos indivíduos. Desta forma, os indivíduos apenas permanecem numa relação enquanto esta representar fonte de satisfação, uma vez que perante a insatisfação conjugal, a separação aparece como a solução para acabar com o sofrimento (Zordan, 2010).

Transição para o casamento numa perspectiva sistémica:

Um dos temas centrais no estudo da transição para o casamento, prende-se com o difícil equilíbrio entre as dimensões da conjugalidade e da individualidade. Sendo que, a individualidade, diz respeito aos desejos individuais, à perceção de cada um sobre o Mundo, assim como a sua história e projetos de vida. Ou seja, a identidade individual, característica de cada indivíduo. Por outro lado, a conjugalidade engloba o desejo conjunto, uma história de vida de casal, um projeto de vida a dois. Neste caso, estamos perante a identidade conjugal (Menezes & Lopes, 2007).

Outro tema que parece importante relativamente a esta temática, diz respeito às expectativas relativamente ao casamento. Culturalmente, acredita-se que o casamento conduz à felicidade plena e que o outro satisfará todos os nossos desejos e carências. Contudo, há autores que defendem que a realidade é bem diferente, uma vez que consideram estas expectativas meramente ilusórias, não indo de encontro à sua perceção do que é a realidade (Menezes & Lopes, 2007).

De acordo com Minuchin, citado em Nichols & Schwartz (2006), o sistema familiar deve ser capaz de criar estabilidade e de, ao mesmo tempo, ser tolerante com o objetivo de encontrar soluções que assegurem a relação, e também com o objetivo de se adaptarem às mudanças que vão surgindo. Os problemas relacionados com a mudança do ciclo de vida surgem, precisamente, quando a estrutura familiar não se adapta às situações (Ariplakal & George, 2015). Assim sendo, outro fator importante a ser mencionado prende-se com a influência das famílias de origem. Para Minuchin, quando as famílias de origem não se sentem confortáveis para acolher um novo membro na família ou quando não aceitam que um dos seus membros saia do seio familiar, afeta de forma negativa a transição desse membro para um novo ciclo. Essa reação da família de origem é extremamente importante para a confiança, ou falta desta, que os indivíduos terão na decisão de contrair matrimónio (Ariplakal & George, 2015).

Parece, então, muito importante que o casal estabeleça limites na sua própria relação, assim como nas suas famílias de origem, durante a transição para um novo ciclo de vida, neste caso, o casamento. Ou seja, segundo Bowen (1978), deverão dar importância primordial à relação de casal e individualizarem-se através da criação de vínculos com membros da família, amigos e família de origem do parceiro (Ariplakal & George, 2015). Ainda, Minuchin (1974), defende que é fundamental que depois do casamento haja um

espaço bem definido para o casal (Ariplakal & George, 2015). Este espaço é, frequentemente, definido pelos rituais que contribuem para a construção da identidade do casal. Desta forma, os casais são considerados sistemas competentes na criação dos seus rituais, e embora os rituais sejam comuns e estejam presentes em quase todas as famílias do Mundo, não podemos ignorar o facto de as suas manifestações variarem culturalmente (Crespo, 2007).

Segundo Margaret Mead, os casais deparam-se com vários desafios no que diz respeito aos rituais familiares. Este processo inicia quando os casais têm de tomar decisões em relação a quais os rituais das famílias de origem se mantêm ou modificam, de modo a serem aceites por ambos os conjuges. Deste modo, é fundamental que ambas as famílias de origem sejam honradas na construção da vida ritual do novo casal, ao mesmo tempo que a identidade desta nova família se afirme. Apesar dos conjuges não serem os únicos responsáveis no que aos rituais familiares diz respeito, está claro que o seu papel é dominante, uma vez que são eles a tomarem as primeiras decisões em relação à vida familiar (Crespo, 2007).

A investigação sobre rituais de casal é quase inexistente, havendo um território vasto ainda por explorar. Contudo, há consenso por parte dos investigadores quando defendem que os rituais promovem o bem-estar das relações interpessoais, uma vez que se associam a sentimentos de partilha, ligação, segurança e pertença. Há, ainda, autores a defender a associação entre estes rituais familiares e de casal com a qualidade da relação conjugal. No entanto, os estudos que exploram esta relação são muito poucos. Passamos, desta forma, a apresentar os resultados de dois estudos que analisaram esta relação: primeiro, nos estudos de Fiese et al (1993), a existência de uma associação positiva entre os rituais familiares providos de significado e a satisfação conjugal foi confirmada; segundo, nos estudos de Fiese e Tomcho (2001), cujo objectivo foi explorar a relação entre rituais familiares particulares e a satisfação conjugal, e verificou que quanto maior o significado atribuído pelos maridos aos rituais, maior a satisfação conjugal das esposas na elaboração desses rituais. Deste modo, há duas conclusões que podemos retirar destes estudos: primeiro, os rituais familiares associam-se positivamente com a satisfação conjugal; e segundo, parecem haver diferenças entre homens e mulheres na vivência dos mesmos. Portanto, pode inferir-se que a satisfação do casal se relaciona com a satisfação nos rituais familiares (Crespo, 2007).

Noutro estudo, as funções de afeto, união, construção da identidade, distração e regulação relacional foram aquelas que os participantes atribuíram aos rituais de casal.

Houve, ainda, a referência a rituais mais específicos tais como, cumplicidade, partilha de códigos e símbolos secretos e intimidade. Deste modo, o facto de uma relação ser única parece contribuir para a valorização da relação conjugal. Portanto, pode-se inferir que os rituais, mais concretamente os rituais de casal, parecem contribuir para a satisfação conjugal (Crespo, 2007).

Estudo Empírico

1. Metodologia

No presente estudo optou-se pela investigação qualitativa que permitiu ter acesso à percepção dos sujeitos através da análise dos seus discursos. O objetivo foi estudar as percepções relativamente aos fatores desencadeadores do divórcio, em casamentos ou coabitação de curta duração (≤ 5 anos).

1.1. Participantes

Para este estudo, recorremos a uma amostra de 15 mulheres divorciadas. As idades aquando do casamento ou coabitação variam entre os 22 e os 28 anos e a duração máxima deste não excede um período de 5 anos. No que diz respeito ao nível de escolaridade, esta varia desde o 2º Ciclo ao Ensino Superior. A amostra foi recolhida por conveniência e de acordo com os objetivos do estudo.

1.2. Instrumentos

O instrumento utilizado para a recolha de dados foi uma entrevista semiestruturada, cujo guião se prendia com aspetos relacionados com a vivência da relação conjugal, a família de origem, os rituais e as causas atribuídas à separação.

Os participantes preencheram, ainda, um questionário sociodemográfico de resposta rápida, com vista à recolha de informação relativamente a variáveis sociodemográficas como a idade, profissão e habilitações literárias (do próprio e do ex-conjuge); data de início de namoro, casamento ou coabitação, separação e divórcio. O

questionário continha também questões relativamente à existência de filhos na relação, à família de origem de ambos os conjuges e aos rituais.

1.3. Procedimentos

Numa primeira fase procedeu-se há elaboração do guião de entrevista, questionário sociodemográfico e consentimento informado. Os participantes leram e assinaram o consentimento informado e, de seguida, preencheram o respetivo questionário sociodemográfico. Realizaram-se as 15 entrevistas semiestruturadas e presenciais, gravadas e transcritas, cujo objetivo foi abordar a vivência da relação conjugal, questões relacionadas com a família de origem, os rituais e as causas atribuídas à separação. As entrevistas realizaram-se individualmente, num espaço conveniente e acordado entre participantes e entrevistador. O tempo das mesmas variou entre os vários participantes. Os participantes foram informados acerca dos objetivos do estudo e foram asseguradas a confidencialidade e o anonimato das respostas. Para a análise dos dados, utilizou-se a análise de conteúdo através do programa NVIVO. As entrevistas foram inseridas no programa e, posteriormente, após a leitura das mesmas, foram analisadas surgindo categorias.

2. Resultados e Discussão

O presente estudo teve como objetivo perceber quais os fatores referidos pelos participantes como desencadeadores da separação, em casamentos ou coabitação de curta duração (≤ 5 anos).

Caraterísticas de Personalidade

As caraterísticas da personalidade foram outro fator mencionado. Onze dos participantes afirmaram a personalidade dos ex-conjuges como o motivo de rutura conjugal.

“Ele era, eu diria, que era obsessivo. Porque, por exemplo, eu arrumava o quarto, eu não olho muito pro detalhe, é o geral e ponho tudo mais ou menos direito. E ele sabia que o tapete tinha que estar a bater com a linha do lado esquerdo certo. De maneira que

eu acabava de limpar e ele ia lá e olhava para o tapete e ia pôr o tapete no sítio certo. E isso, a mim, interiormente provocava-me muita inquietação.”

“Porque eu não podia fazer nada. Não podia vestir umas calças, eu não podia calçar uns sapatos novos, não podia comprar umas calças novas... Era impensável maquilhar-me ou pôr um batom. Aquilo era uma vida submissa. Tinha de ser tudo como ele queria, quando ele queria, há hora que ele queria e eu era uma marioneta nas mãos dele. Ele mandava, punha e dispunha de mim como ele quisesse.”

“Ele era muito ciumento, muito obcecado mesmo, e não dá para viver assim com uma pessoa... gostava de mais... não sabia controlar as coisas, não sabia separar as coisas, e ultrapassava todos os limites mesmo.”

Este motivo foi também verificado por Clarke-Stewart & Brentano (2006).

Interferências familiares

A interferência familiar foi referida como causa da separação por mais de metade dos participantes. Nove participantes referiram problemas no seio familiar como um fator que contribuiu para a separação.

“Uma relação que já estava a nascer complicada. E eu acho que fruto, basicamente, dos problemas familiares que nós estávamos a ter. Portanto, aquela necessidade de conseguirmos alguma autonomia como casal, que não estávamos a conseguir. Porque havia uma absorção muito grande da parte da mãe dele. A mãe dele estava sempre presente na nossa relação. E eu tentava marcar o meu espaço.”

“Portanto, era assim uma situação estranha das coisas feitas às escondidas. E, lá em casa, todas as decisões tomadas tinham sempre a palavra da mãe no final. Nós tínhamos um quadro e dizíamos “onde é que vamos pôr?”, e dizíamos “vamos pôr naquela parede”, mas depois a mãe dele chegava e dizia “naquela parede? Não. Não. Tem de ser naquela é que fica bem””.

“Eu procurava afastar-me da minha família. Afastar-me. Ele não. Ele ia. Ia às escondidas e criava atrito entre nós porque a família dele estava muito presente. Muito presente. E interferia. Interferia mesmo. E foi certamente um dos motivos. Um dos grandes

motivos pelos quais a nossa relação não funcionou. E ele não conseguiu soltar-se. Soltar o cordão umbilical não é?”

Estes dados corroboram os resultados de outros estudos que referem as interferências da família de origem como causa de separação (Quissini & Coelho, 2014).

Problemas Financeiros

Sete dos participantes apontaram problemas financeiros como motivo de separação.

“Ele não tinha noção, não tinha noção que tinha uma casa para pagar, que tinha duas filhas para manter...as contas chegavam, ele ia buscá-las à caixa de correio e pousava-as em cima da mesa e quem quisesse que resolvesse.”

“Nós tínhamos uma renda de quinhentos e tal euros para pagar, tínhamos dois carros para manter, gasóleo, despesas, tudo... e um a trabalhar, um a matar-se e o outro a esbanjar... A vida depois não é a mesma...e depois não deu...”

“Ele queria continuar a levar um nível de vida que não podíamos não é? Queria as coisas mas não podia. E, então, tornou-se complicado porque eu via que não podia ser.”

Estes dados são também descritos nos estudos de Zordan (2010) e Pérez, García e Rodríguez (2006).

Expetativas pré-conjugais

Outro fator percecionado como desencadeador de separação diz respeito às expetativas pré-conjugais e foi referido por seis participantes.

“Estranhei muito o facto de ele gostar de passar muito tempo no café, estava sempre no café até tarde e eu passava muito tempo sozinha. Eu já sabia que ele gostava de estar no café, mas quando uma pessoa casa pensa que as coisas vão ser diferentes.”

“Ele era uma pessoa muito complicada, mas eu achava que o conseguia mudar. Eu achava que conseguia mudar o mundo.”

“Ele também era um bocado ciumento e isso fazia com que não saíssemos tanto. Mas eu pensava que com o casamento isso pudesse mudar.”

Estes dados vão de encontro ao que é descrito na literatura (Ariplakal & George 2015).

Infidelidade

A infidelidade esteve presente no discurso de seis entrevistados, constituindo-se como outro dos fatores referidos que terá contribuído para o divórcio.

“Traição foi coisa que eu não consegui suportar... E, por muito que eu quisesse ficar com ele, mesmo ele mostrando interesse depois em ficar comigo, eu já não conseguia...”

“A dada altura estava muito estranho. E eu fui questionando. E uma mulher quando desconfia, descobre... Ele próprio acabou por me confidenciar que tinha conhecido outra mulher e que se tinham envolvido.”

“E depois também se meteram mulheres no meio. Até foi mais isso que culminou. Uma altura apanhei-o com outra mulher e nunca mais consegui perdoar também.”

Estes dados corroboram os resultados de outras pesquisas que indicam a infidelidade conjugal como a causa primordial para o término da relação (e.g. Féres-Carneiro, 2003; Zordan, 2010; Pérez, García & Rodríguez, 2006).

Casar cedo

O casamento precoce foi outro motivo presente no discurso dos participantes. Cinco pessoas mencionaram este fator como causa da separação. Ainda, ao contrário do que era esperado, podemos constatar a não valorização dos rituais e a valorização das rotinas. Todos os casais reportaram a ausência de rituais e fizeram referência a *“ir às compras”* como um “ritual” presente. No entanto, o ato de ir às compras é uma rotina presente no dia-a-dia dos indivíduos.

“Também o facto de um casal de jovens namorados, ter tido poucos namorados anteriormente, estarmos sempre um com o outro na faculdade e... isso provocou que nós não tivéssemos um conhecimento, uma vivência suficientemente vasta para saber exactamente aquilo que pretendíamos.”

“Comecei a namorar com ele era muito nova. Tinha 15 anos. E depois, estava a fazer 22 anos e decidimos casar. Foi uma situação complicada porque estava naquela fase da vida que eu achava que sabia tudo e na verdade não sabia nada.”

“Foi o meu primeiro namorado, o meu primeiro homem e o meu primeiro marido. Comecei a namorar muito nova e devia de ter esperado mais tempo até casar.”

Estes resultados estão em linha com um conjunto de investigações que sugerem que o casamento em idade precoce parece contribuir para o maior risco de divórcio (e.g. Zordan, 2010; Matos, 2016).

Violência

A violência foi referida como motivo de separação por cinco dos entrevistados.

“A certa altura ele tornou-se violento... E, uma noite, eu deitei-me e não dormi a noite toda. Mas há momentos que eu não me lembro. Há momentos da noite que realmente devo ter apagado, devo ter dormido. Ele passou a noite toda com uma faca debaixo da almofada a dizer que me ia matar.”

“Foi os maus tratos. Os maus tratos que eu levei. Ele batia-me e dizia-me palavras que se calhar não sei se hei-de dizer aqui...”

“E então ele ficava muitas vezes chateado e discutíamos muitas vezes à conta disso, até que uma altura zangamo-nos mesmo e ele empurrou-me... empurrou-me e sem querer eu bati com o olho na parede e fiquei negra...”

Estes dados vão de encontro ao que outros autores defendem (e.g. Pérez, García & Rodríguez, 2006; Ávila, De Ávila e De Paula, 2017).

Abuso de substâncias

Três participantes referiram o abuso de substâncias como causa da separação.

“Comecei a não sair tanto. Não. Porque comecei a ver que comecei a ter problemas com ele, devido ao álcool e aos charros que ele fumava. E comecei a ficar mais por casa. Comecei a ter mesmo muitos problemas.”

“Ele meteu-se no jogo. Em jogos de computador que o levou a fazer... que nos levou a fazer créditos para liquidar as dívidas que ele contraiu... E daí que, claro, começaram os conflitos não é?”

“Ele metia-se mais em cafés a beber com os amigos. Às vezes chegava-me às tantas da manhã já alcoolizado claro.”

Os dados apresentados vão de encontro ao que é sugerido na literatura (e.g. Collins, Ellickson & Klein, 2007; Ávila, De Ávila e De Paula, 2017).

3. Conclusão

O presente estudo teve como objetivo perceber qual a percepção dos entrevistados relativamente aos fatores desencadeadores do divórcio, em casamentos ou coabitação de curta duração.

No que diz respeito aos fatores desencadeadores do divórcio, as características da personalidade, as interferências familiares, os problemas financeiros, as expectativas pré-conjugais, a infidelidade, o casar cedo, a violência e o abuso de substâncias foram as causas atribuídas pelos participantes para a separação. Ainda, ao contrário do que era esperado, parece que os jovens casais não apresentam rituais e parecem valorizar as rotinas, na medida em que quando questionados sobre *“houve novos rituais que trouxeram para a relação?”*, referem *“ir às compras”* como o único “ritual” presente. O ato de ir às compras é uma rotina presente no quotidiano das famílias e, por isso, não se apresenta como um ritual, tal como foi percecionado pelos participantes. Desta forma, pode considerar-se que, talvez, a ausência de rituais leve à não identidade do casal, que por sua vez, contribui para a maior probabilidade de separação conjugal.

Sabe-se que os rituais promovem a coesão, a comunicação e a reflexão. Ainda, do ponto de vista da díade conjugal, promovem o bem-estar, uma vez que se associam a sentimentos de partilha, ligação, segurança e pertença. Portanto, como vimos anteriormente, contribuem para a maior satisfação conjugal (Crespo, 2007). Desta forma, talvez a ausência de rituais contribuía para a não identidade do casal e, consequentemente, para uma maior probabilidade de rutura conjugal.

Uma possível explicação para justificar os dados obtidos prende-se com o facto de casais jovens, talvez, não atribuírem significado aos rituais e reportarem a sua ausência. Ainda, como referido anteriormente, são muitas as exigências atuais com as quais as famílias se deparam, e o tempo despendido na criação e elaboração dos rituais é cada vez menor, decorrente dessas mesmas exigências. O fator tempo parece determinante no dia a dia das famílias, uma vez que parece não haver tempo. Por isso, parece fundamental a criação e elaboração de rituais que promovam a união e satisfação familiar e, ainda, a criação de momentos familiares prazerosos para os seus elementos. Isto é, “criar tempo” e tempo de qualidade.

Num cenário social caracterizado pelo aumento significativo do número de divórcios, parece crucial compreender quais os fatores explicativos desta realidade. A importância deste estudo não se prende apenas com o conhecimento de quais os fatores desencadeadores de divórcio, mas também representa vantagens para a prática clínica, dado que é uma das maiores preocupações para os profissionais. Desta forma, a sua importância prende-se com o desenvolvimento da investigação e, consequentemente, da intervenção.

No que diz respeito às limitações encontradas, o facto de a amostra ser constituída apenas por mulheres, não permitiu a possibilidade de haver uma comparação entre a perceção masculina e a perceção feminina relativamente aos fatores desencadeadores de separação. Outro aspeto que pode ser apontado como uma limitação, prende-se com a não operacionalização dos conceitos “rotinas” e “rituais”.

No seguimento das limitações encontradas neste estudo podem ser apontadas sugestões futuras. A primeira sugestão prende-se com a comparação entre as perceções masculinas e femininas, em casais jovens e divorciados, no que diz respeito ao significado atribuído aos rituais familiares e, consequente, exploração com o risco de divórcio. Outro aspeto, diz respeito à operacionalização dos conceitos, antes mesmo da recolha de dados, de forma a garantir que os participantes respondem em conformidade com aquilo que lhes é perguntado e que é, no fundo, o objetivo da investigação.

Referência Bibliográficas

Ambert, A. M. (2005). *Divorce: Facts, causes, and consequences*. Ottawa,, Canada: Vanier Institute of the Family.

Ariplackal, R., & George, T. S. (2015). Psychological components for marital distress and divorce in newlywed indian couples. *Journal of Divorce & Remarriage*, 56(1), 1-24.

Ávila, J. C., de Ávila, V., & de Paula, A. d. S. (2017). Laços interrompidos: um estudo sobre a causalidade do divórcio. *Revista Iluminart*, 1(14).

Barreto, F. (2013). *Análise Psicológica do Divórcio: Uma perspectiva masculina*. Tese de Doutorado. Universidade Jean Piaget, Cabo Verde.

Cano, D. S., Gabarra, L. M., Moré, C. O., & Crepaldi, M. A. (2009). As transições familiares do divórcio ao recasamento no contexto brasileiro. *Psicologia: reflexão e crítica*, 22(2), 214-222.

Carter, J., & Duncan, S. (2017). Wedding paradoxes: individualized conformity and the ‘perfect day’. *The Sociological Review*, 65(1), 3-20. Doi: 10.1111/1467-954X.12366.

Carvalho, T. A. M. (2013). *Determinantes da satisfação conjugal: Felicidade, bem-estar subjetivo, personalidade e satisfação sexual*. Tese de doutoramento. Universidade Católica Portuguesa, Braga.

Chaves, J. (2010). *Casamento divórcio e união de facto*. Lisboa: Sociedade Editora Ld.^a.

Clarke-Stewart, A., & Brentano, C. (2006). *Divorce: Causes and consequences*. Yale University Press: Series Editor.

Cloutier, R., Filion, L., Timmermans, H. (2001). *Quando os pais se separam... Para melhor lidar com a crise e ajudar a criança*. Lisboa: Climepsi editores.

Collins, R. L., Ellickson, P. L., & Klein, D. J. (2007). The role of substance use in young adult divorce. *Addiction*, 102(5), 786-794. Doi:10.1111/j.1360-0443.2007.01803.x.

Crespo, C. (2007). *Rituais familiares e o casal: Paisagens inter-sistémicas*. Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

Féres-Carneiro, T. & Neto, O. (2010). Construção e dissolução da conjugalidade: Padrões relacionais. *Paidéia*, 20 (46), 269-278.

Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: reflexão e crítica*, 11(2).

Féres-Carneiro, T. (2003). Separação: o doloroso processo de dissolução da conjugalidade. *Estudos de Psicologia*, 8(3), 367-374.

Gaspar, S., Ramos, M., & Ferreira, A. C. (2013). Análise comparativa dos divórcios em casais nacionais e binacionais em Portugal: 2001-2010. *Sociologia*, 26, 81-111.

Goldenberg, M. (2001). Sobre a invenção do casal. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 1(1), 46-53.

Lehrer, E. L. (2008). Age at marriage and marital instability: revisiting the Becker–Landes–Michael hypothesis. *Journal of Population Economics*, 21(2), 463-484.

Lowenstein, L. F. (2005). Causes and associated features of divorce as seen by recent research. *Journal of Divorce & Remarriage*, 42(3-4), 153-171.

Matos, C. (2016). *Risco de divórcio e conflito conjugal: o efeito moderador da satisfação coparental*. Tese de Mestrado. Universidade Lusófona do Porto, Porto.

Menezes, C., & Lopes, R. (2007). A transição para o casamento em casais coabitantes e em casais não-coabitantes. *Journal of Human Growth and Development*, 17(1), 52-63.

Mosmann, C., & Falcke, D. (2011). Conflitos conjugais: motivos e frequência. *Revista da SPAGESP*, 12(2), 5-16.

Pasquali, L., & Moura, C. (2003). Atribuição de causalidade ao divórcio. *Avaliação Psicológica*, 2(1), 1-16.

Pérez, B. T., García, P. J. C., & Rodríguez, N. T. C. (2006). La atribución de causas a la ruptura de pareja. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 2(1), 477-486.

Quissini, C., & Coelho, L. R. M. (2014). A influência das famílias de origem nas relações conjugais. *Pensando familias*, 18(2), 34-47.

Trindade, V. (2014). *O mundo dividido da criança: O divórcio e as suas consequências*. Tese de Doutoramento. Instituto universitário ciências psicológicas sociais e da vida, Lisboa.

Wilhelm, F. A., & Oliveira, M. D. (2011). Fatores indicados por casais que facilitam ou impedem o relacionamento conjugal satisfatório. *Revista Caminhos*, 2(1), 173-186.

Zordan, E. (2010). A separação conjugal na contemporaneidade: motivos, circunstâncias e contextos. Tese de doutoramento. Universidade Católica de Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

ANEXOS

1. Questionário Sociodemográfico

Separação conjugal em uniões de curta duração

Questionário Sociodemográfico

EU	O/A MEU/MINHA EX-CÔNJUGE
Data de nascimento: ____/____/____	Data de nascimento: ____/____/____
Profissão: _____	Profissão: _____
Habilitações literárias:	Habilitações literárias:
<ul style="list-style-type: none"><input type="radio"/> 1º Ciclo<input type="radio"/> 2º Ciclo<input type="radio"/> 3º Ciclo<input type="radio"/> Ensino Secundário<input type="radio"/> Cursos técnicos/ Barcharelato<input type="radio"/> Licenciatura<input type="radio"/> Mestrado<input type="radio"/> Doutoramento	<ul style="list-style-type: none"><input type="radio"/> 1º Ciclo<input type="radio"/> 2º Ciclo<input type="radio"/> 3º Ciclo<input type="radio"/> Ensino Secundário<input type="radio"/> Cursos técnicos/ Barcharelato<input type="radio"/> Licenciatura<input type="radio"/> Mestrado<input type="radio"/> Doutoramento

Data em iniciaram a relação de namoro: ____/____/____

Data em que iniciaram coabitação: ____/____/____

Data de casamento (se aplicável): ____/____/____

Data de separação: ____/____/____

Data de divórcio (se aplicável): ____/____/____

O divórcio foi litigioso?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Havia crianças na relação?

- ☐ Não
- ☐ Sim, tivemos filho(s) nosso(s) – Datas de nascimento ____/____/____
____/____/____
____/____/____
- ☐ Sim, eu tenho de uma relação anterior
- ☐ Sim, o meu companheiro tem de uma relação anterior

➤ **A sua família de origem:**

Com quem viveu durante a sua infância e adolescência?

Grau de parentesco: _____ Ano de nascimento: _____

Grau de parentesco: _____ Ano de nascimento: _____

Grau de parentesco: _____ Ano de nascimento: _____

Grau de parentesco: _____ Ano de nascimento: _____

Grau de parentesco: _____ Ano de nascimento: _____

Grau de parentesco: _____ Ano de nascimento: _____

Por favor, indique falecimentos caso tenham ocorrido:

grau de parentesco _____ ano de óbito _____.

grau de parentesco _____ ano de óbito _____.

grau de parentesco _____ ano de óbito _____.

➤ **A família de origem do seu ex-cônjuge:**

Com quem viveu durante a sua infância e adolescência?

Grau de parentesco: _____ Ano de nascimento: _____

Grau de parentesco: _____ Ano de nascimento: _____

Grau de parentesco: _____ Ano de nascimento: _____

Grau de parentesco: _____ Ano de nascimento: _____

Grau de parentesco: _____ Ano de nascimento: _____

Grau de parentesco: _____ Ano de nascimento: _____

Por favor, indique falecimentos caso tenham ocorrido:

grau de parentesco _____ ano de óbito _____.

grau de parentesco _____ ano de óbito _____.

grau de parentesco _____ ano de óbito _____.

➤ **O dia-a-dia em família:**

- Era habitual terem pelo menos uma refeição/dia em que estavam juntos à mesa?
(pressupõe a não utilização de televisão, telemóvel, etc.)

①	②	③	④	⑤	⑥
Nunca	raramente	algumas vezes	com frequência	a maior parte dos dias	sempre

- Era habitual haver um dia fixo semanal em que passassem uma parte do tempo ou refeição com a sua família de origem?

<input type="checkbox"/> não	<input type="checkbox"/> Durante uma parte do casamento	<input type="checkbox"/> sempre
---------------------------------	--	------------------------------------

- Era habitual haver um dia fixo semanal em que passassem uma parte do tempo ou refeição com a família de origem do seu ex-cônjuge?

<input type="checkbox"/> não	<input type="checkbox"/> Durante uma parte do casamento	<input type="checkbox"/> sempre
---------------------------------	--	------------------------------------

Obrigado.

2. Guião da Entrevista Semi-Estruturada

Separação conjugal em uniões de curta duração: importância da família de origem e dos rituais

Guião da Entrevista Semi-Estruturada

- Pode contar-me um pouco acerca de como foi a relação?
- Quando namoravam, o que é que gostavam de fazer juntos?
- Continuaram a fazer essas coisas depois de terem começado a viver juntos? Houve novos rituais ou tradições que trouxeram para a relação?
- Como foi a adaptação a viverem juntos?
- Pode falar-me um pouco acerca do casamento? [família e amigos]
- Houve alguma celebração especial para assinalar o início da vivência juntos? [família e amigos]
- O casar ou o viver juntos muitas vezes altera a relação que temos com a nossa família de origem. Pode falar-me um pouco do vosso caso? [ele + ela]
- Como foi vivenciada a separação pelas respetivas famílias?
- Como é que viviam o aniversário um do outro? [próprio e do parceiro]
- E em relação a festas familiares, como por exemplo o Natal e a Páscoa, como faziam?
- A que atribui a separação? [perceber quando começou o processo de afastamento ou se houve algum fator precipitante]

3. Consentimento Informado

Faculdade de Psicologia e de Ciências Sociais da Universidade do Porto

Pedido de Consentimento Informado

Caro(a) participante,

Nos últimos anos a separação conjugal em uniões de curta duração é uma realidade cada vez mais presente e como tal mais foco de atenção por parte das mais diversas entidades e organizações.

Assim, será desenvolvido um estudo por uma equipa de investigação do centro de Psicologia da Universidade do Porto no âmbito da realização da tese de mestrado em psicologia clínica e da saúde, orientado pela Dra. Maria Emília Costa e pela Dra. Mariana Martins, sendo a Tânia Ferreira e a Patrícia Botelho as orientandas.

Este estudo visa compreender os fatores promotores do divórcio em casamentos/uniões de fato de curta duração e como tal, para participar deverá ter-se separado após casamento ou coabitação de 5 anos [no máximo]. A sua participação estará circunscrita a uma entrevista gravada em formato áudio cuja duração máxima prevista para concluir é de 1h30. O seu contributo é extremamente valioso não só para a comunidade científica, mas principalmente para a prática clínica.

Todos os dados são confidenciais e a qualquer momento poderá desistir da sua participação. Não há respostas certas ou erradas: pretendem-se respostas o mais espontâneas possível e que reflitam aquilo que está a pensar neste momento, e não aquilo que gostaria de pensar ou que imagina que os outros pensam de si.

Os investigadores agradecem desde já a sua participação e em caso de dúvida não hesite em contactar: tania.ferreira.psic@gmail.com ou tixa_botelho@hotmail.com.

☐ aceito participar no estudo